

## AUTORIA E ATRIBUIÇÃO EM REDES SOCIAIS

Valéria Silveira BRISOLARA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS  
valeria\_brisolara@uniritter.edu.br

**Resumo:** Vivemos em um sistema de atribuição e de autoria. Entretanto, as condições de produção e circulação de discursos têm se modificado no espaço digital, e, em especial, nas redes sociais. Como um exemplo, temos a multiplicação de posts em redes sociais. Estes se caracterizam como um gênero discursivo híbrido, em que texto e imagem se completam e apresentam, frequentemente, atribuição de discurso a outros, ou seja, simulam determinada autoria, obedecendo a certos critérios de atribuição de autoria e assinatura. A questão da autoria é problematizada através da elaboração desses posts e de seu posterior compartilhamento. Nesse contexto, interessa-nos pensar a respeito das razões pelas quais se elabora ou compartilha um post, atribuindo determinado discurso a determinado autor, ou melhor, atribuindo a dado nome o nome de autor de um discurso. O trabalho tem por objetivo refletir sobre os critérios de escolha de atribuição, que, frequentemente, configuram-se em falsa atribuição, problematizando a circulação de discursos na rede eletrônica. Através de discussão teórica embasada em autores como Foucault e Bakhtin, e de posterior análise de posts representativos, procura-se responder: O que se atribui a quem e porque, considerando a autoria como coletiva, como Bakhtin a considera, e diferenciando autor de autoria.

**Palavras-chave:** autor; autoria; atribuição; discurso; redes sociais.

### 1 INTRODUÇÃO

Algum tempo atrás recebíamos muitas mensagens com apresentações e textos por e-mail. Muitas delas tinham a autoria atribuída ao próprio remetente, outras não tinham nenhuma atribuição de autoria e, ainda outras, tinham sua autoria atribuída a terceiros, predominando autores ou personalidades conhecidas. Agora, em tempos em que redes sociais substituíram em muito o uso de e-mails, e de crescente interação mediada por essas redes, essas mensagens foram substituídas por posts, que se multiplicam exponencialmente. A leitura e análise de alguns desses posts evidenciou questões interessantes com relação a sua autoria e levou à realização da pesquisa cujos resultados iniciais trago para discussão<sup>1</sup>.

Muitos desses posts têm uma natureza híbrida, sendo talvez até um novo gênero discursivo, em que texto e imagem se completam e são, frequentemente, atribuídos a outros do que os que os postam, ou seja, simulam determinada autoria, obedecendo a certos critérios de atribuição de autoria e assinatura. Destacam-se os textos atribuídos a escritores renomados como Clarice Lispector, Machado de Assis e Guimarães Rosa, a teóricos como Michel Foucault, Roland Barthes e Sigmund Freud e a formadores de opinião, como Arnaldo Jabor, Jô Soares e Pedro Bial.

Essa atribuição de posts a certos autores é um sintoma de um sistema de atribuição e de autoria, em que, se por um lado o anônimo parece incomodar, por outro, o nome do autor ainda tem grande importância. A questão da autoria é problematizada através da elaboração desses posts e de seu posterior compartilhamento, pois evidenciam uma autoria coletiva. Frequentemente, temos o sujeito que compartilhou um post com seus amigos, e a autoria atribuída à citação presente no post. Mas temos também quem construiu o post, quem

---

<sup>1</sup> A ideia motivadora deste trabalho foi a análise de alguns posts e a sua posterior discussão realizada com o amigo e colega Prof. Dr. Adail Sobral. Este trabalho é parte de um trabalho maior que estamos desenvolvendo em coautoria e que será publicado futuramente. Estamos utilizando uma rede social como ferramenta de interação e desenvolvimento do trabalho, realizado colaborativamente.

misturou dada imagem a um dado texto e o colocou em circulação, passível de mudanças. Assim, há uma autoria compartilhada e inacabada.

Essa forma de construção e disseminação dos posts, que evidencia uma autoria colaborativa ou coletiva, problematiza as concepções modernas ainda vigentes de autoria e atribuição, evidenciando que toda autoria é de certa forma coletiva, e que, autoria e autor não são a mesma coisa.

Esse contexto de disseminação de posts incita vários questionamentos, nem todos passíveis de serem respondidos neste artigo: Por que se posta ou compartilha um determinado post? Por que se atribui um determinado discurso a um determinado autor, ou melhor, a um determinado nome de autor? Interessa-nos pensar nos critérios de escolha de atribuição e as razões que motivam uma atribuição que poderia ser considerada falsa ou indevida. Quais os critérios pra atribuir? O que se atribui a quem e por quê?

A fim de atingir os objetivos propostos pelo trabalho, o presente artigo inicialmente aborda o sistema ou regime vigente de autoria, a fim de distinguir autoria de autor, enfocando questões como a importância do nome do autor e da assinatura. Em um segundo momento, contrapõe esse regime vigente e a necessidade de assinatura a algumas práticas correntes de escrita e atribuição. Finalmente, mostra como esses posts problematizam a questão da autoria e o sistema atual de atribuição, tentando identificar razões para atribuição.

## **2 SISTEMA DE AUTORIA**

A questão da atribuição remete à questão da autoria. A autoria é um construto e, conseqüentemente, o conceito de autoria varia de acordo com o tempo e o espaço, ou seja, é social e historicamente construído. Ao longo da história, entretanto, sempre esteve relacionado a uma tensão entre a alteridade e a subjetividade. A autoria era atribuída às musas, depois aos deuses, aos gênios, a Deus, e, finalmente, ao inconsciente ou à linguagem.

Houve uma valorização gradativa do autor e do nome do autor, principalmente após o romantismo, em um sistema de autoria que levou o nome do autor para a capa da obra, criou práticas como o autógrafo, valorizando o nome do autor, a assinatura e o corpo do autor, o chamado “autor-empírico”. Essa valorização tem sua origem no aumento do número de leitores e no crescimento da prática de leitura individual e o conseqüente incremento na produção e publicação de obras. A esse respeito, Barthes defende que o autor é uma figura moderna, o fruto de uma série de mudanças provocadas pelo empirismo e racionalismo que aumentaram a importância do indivíduo e da “pessoa humana” que deram mais importância à “pessoa” do escritor (1995, p. 125-126). O autógrafo, assim como o manuscrito, está relacionado à autenticidade, pois teria um caráter testemunhal, sendo o que Chartier denomina uma de uma manifestação visível do invisível (1994), o que levaria a um fetichismo da mão do autor.

A tecnologia tem levado ao surgimento de novas, e muitas vezes anônimas, formas de interação entre os sujeitos, entre os sujeitos e os textos, e entre os textos. Essas transformações, tais como o surgimento de redes sociais e a disseminação de e-books, têm levado muitos teóricos a repensar a questão da autoria e o próprio conceito de autor. É possível dizer que há uma passagem gradativa da cultura impressa para a cultura digital, em que o imprimir é substituído pelo salvar nas nuvens. Antes disso, outro momento importante foi a passagem de uma cultura oral para uma cultura escrita. Enquanto no discurso oral, o autor marca a sua presença e existência através da sua própria voz e da pessoa, ou corpo, que enuncia o discurso oral, nas enunciações escritas, na ausência do corpo do autor, a maneira mais comum de um autor marcar a sua presença e existência é pela impressão do seu próprio nome ou marca de identificação artística, ou seja, sua assinatura, seja ela em forma de autógrafo ou em forma de nome gravado em uma obra.

No tocante à questão da autoria e do nome do autor, um texto chave é “A Morte do Autor” (1968) de Roland Barthes. Esse texto incomodou e ainda incomoda muito por seu tom provocador e posicionamento. Nesse texto, Barthes tira o autor empírico de um lugar privilegiado na sociedade e coloca a linguagem no centro da questão. Traz a linguística, o inconsciente, e a psicanálise para a discussão e, assim, remove certezas. Como consequência, diminui o poder do autor sobre o texto, principalmente o de explicá-lo, justificá-lo e, de certa forma, completá-lo e aumenta o poder e a importância do leitor. Barthes inicia o texto evocando um texto de Balzac intitulado “Sarrasine” e extraindo uma citação do mesmo. Em seguida, pede ao leitor que identifique quem está falando no conto, ou seja, de quem é a voz que fala. Questiona quem fala e apresenta as possibilidades: o herói da história, o sujeito Balzac, o autor Balzac, a sabedoria universal ou a psicologia romântica (1995, p. 125). Em seguida, apressa-se em responder: “Nunca saberemos, pois a escrita é a destruição de cada voz, de cada ponto de origem” (1995, p. 125). É relevante pontuar que, com essa afirmação, Barthes questiona a validade de meramente identificar vozes e atribuí-las. Barthes afirma: “Escrever é aquele espaço neutro, composto, oblíquo em que o sujeito se ausenta, a negativa onde toda identidade é perdida, a começar pela própria identidade do corpo que escreve” (1995, p. 125). Barthes explica que quando um fato é narrado, essa desconexão entre voz e origem acontece e “a voz perde a sua origem, o autor entra em sua própria morte e a escrita começa”. (1995, p. 125). Assim, Barthes mata o autor empírico de uma obra na medida em que esse não interessa ao leitor. De nenhuma maneira, Barthes nega que houve um sujeito que produziu um texto e seu nome deve ser atribuído a ele. A esse respeito, em *O Prazer do texto*, Barthes retorna à questão e afirma:

Como instituição o autor está morto: sua pessoa civil, passional, biográfica, desapareceu; desapossada, já não exerce sobre sua obra a formidável paternidade que a história literária, o ensino, a opinião tinham o encargo de estabelecer e de renovar a narrativa: mas no texto, de certa maneira, *eu desejo* o autor: tenho necessidade de sua figura (que não é nem sua representação nem sua projeção) tal como ele tem necessidade da minha. (2002, p.35)

“O que é um autor?” (1969), de Michel Foucault, segue-se ao texto de Barthes. Nesse texto, Foucault chama atenção para o fato de que se o autor não é uma pessoa é necessário perguntar: “O que é um autor?” Inicia o texto a partir de suas questões pessoais, enquanto autor-empírico, e de suas reações a críticas que sua obra recebeu. Refere que havia lhe incomodado ouvir comentários que, de certa forma, equiparavam seu nome, sua obra e sua pessoa. A partir disso, percebe e defende que o autor não é a obra e nem a fonte de sentido da obra. Da mesma forma, as intenções do autor, embora existentes, não importam, o que importa é o texto. Foucault ainda defende que o que há é uma função-autor e que o autor não poderia ter morrido, pois não era uma pessoa, da ordem do corpóreo, do humano, passível de morrer. Foucault sugere que não faz sentido perguntar: Quem é o verdadeiro autor de tal obra? Será que tal obra é autêntica? Será que a obra tal é original? O que a obra tal revela do autor empírico? Defende que outras perguntas devem ser feitas. Devemos perguntar de onde tal texto se origina enquanto discurso, como e por que razão circula. Esse ponto relaciona-se diretamente à questão da atribuição e da suposta falsa atribuição na internet.

Para Foucault, fica claro que o autor não é o nome do autor, ou seja, autor e autoria não são a mesma coisa. Indo além de Barthes, para Foucault, o sujeito que escreve morre, apaga-se, para que o seu nome torne-se o que chama de função-autor, ou seja, ao escrever, o escritor morre para que seu nome seja, de certa forma, imortalizado. Nessa perspectiva, pode-se entender que escrever é de certa forma uma luta contra a morte, de perda da corporeidade, da carne, pela assinatura. Se Barthes afirma que o autor fecha as bordas do texto, para Foucault o nome do autor é um tipo de marca que possibilita unificar, delimitar,

referenciar saberes, ideias, palavras sob a marca, o carimbo, da assinatura. O nome do autor é uma marca, um carimbo, e não um sujeito.

É claro que não se nega que todos os textos têm autores-empíricos por trás de si. É necessário que sujeitos os escrevam e os compartilhem, mas não é em todos os textos que se inscrevem da mesma forma. Em alguns textos, como em um poema, a subjetividade aflora através do eu-lírico. Em outros, o autor faz um esforço para não marcar a sua presença, como em textos jornalísticos, a maioria dos quais não são assinados. Entretanto, todos os textos são, de certa forma, contra assinados pelo leitor, como as teorias contemporâneas nos mostram. Entretanto, há um regime estabelecido em que se tolera que alguns textos sejam assinados e outros, como artigos de jornal, não. As obras anônimas provocam um desconforto embora frases ou ditados anônimos, assim como histórias infantis anônimas sempre tenham circulado. Todavia, anônimo significa de autoria desconhecida, o que implica uma autoria, apenas que não é conhecida ou não há interesse em que seja revelada. Da mesma maneira, há traduções anônimas, cujo autor não conhecemos, mas houve quem as realizasse.

Resta perguntar por que o desejo e a necessidade de atribuir discursos a alguém. O pesadelo de Platão, colocado e problematizado no *Fedro*, seria uma sociedade em que textos circulariam anonimamente, por contextos diferentes do que o seu contexto de produção, ou enunciação, sem que sua autoria fosse atribuída a um autor e este pudesse responder por seu conteúdo. Diferentemente do que é frequentemente alegado, não acredito que Platão critique a escrita, mas apenas reflita sobre o status do discurso oral e do escrito e das mudanças que a escrita traria. Daí a necessidade de fazermos o mesmo no momento atual, refletindo sobre a autoria e a circulação de discurso na rede eletrônica.

Os próprios diálogos platônicos mostram essa transição de uma cultura oral para uma cultura escrita, pois apesar de serem diálogos, apenas simulam o diálogo, pois são textos escritos. Além disso, Platão é considerado seu autor e é seu nome que consta nas edições que compramos; entretanto, fala somente através do discurso de outros, seja Sócrates, que é seu personagem ou outros nomes da época, ou seja, sempre atribui o discurso a outro, apesar de assinar os textos de alguma forma, tanto que temos seu nome atrelado a eles até hoje. A posição do autor Platão não fica clara. Com relação ao *Fedro*, por exemplo, não fica claro qual a posição do autor Platão sobre as questões que ele levanta. Na verdade, ele parece não tomar posição, mas apenas mostrar como posições são tomadas no processo, que a construção discursiva, o processo, a linguagem são o que interessam.

Em *Death and return of the Author (1992)*, Séan Burke retoma a obra de Barthes e Foucault e convida Derrida para a discussão. Burke parece concordar com Barthes e Foucault que o autor não é uma pessoa, ou seja, autoria não é a mesma coisa que autor e que é possível que haja autoria, mas não um autor empírico identificável. Todavia, Burke traz uma nova questão. Refere-se ao tipo de contrato estabelecido entre autor e o leitor. Pode haver o desejo de não assinar uma obra, mas há marcas que podem identificar uma certa voz autoral. Assim, sempre há autoria, mesmo que não haja um autor empírico identificado. Por outro lado, Burke acrescenta que é a assinatura que dá suporte ao deslocamento do texto no tempo e espaço (2011, p. 43) e lembra-nos que em casos como os Versos Satânicos, a situação fugiu ao controle do autor. A pergunta é: até que ponto o autor pode ser responsabilizado pelo impacto da obra?

Alguns autores, como Chartier, identificam a importância crescente dada a prefácios, prólogos, posfácios, o que estaria relacionado a uma tentativa de fixação da intencionalidade do autor na obra, evitando as flutuações de sentido que a sua ausência, no momento da recepção, propicia, como Platão já havia previsto. O ponto relevante é que há a necessidade de atribuir um discurso a um autor ou enunciador, o que muitas vezes leva à falsa atribuição. A ideia de uma autoria coletiva ou compartilhada não agrada, incomoda. A necessidade

parece ser de atribuir um discurso a um enunciador e, de certa maneira, fechar as bordas do texto e dar sentido a ele, remetendo ao que defende Barthes.

Ainda, Bakhtin, lembra-nos que “O autor não tem nada a dizer sobre a obra ou sobre o processo de criação da obra” (2000, p. 27), o que não quer dizer que não seja sua, apenas que não a controla após ter sido colocada em interação e oferecida ao outro, ou seja, que não tem nada a dizer sobre a obra. O autor do qual Bakhtin fala aqui é o autor-empírico, que ele chama de autor-pessoa, e contrapõe ao autor-criador. Se o empírico tem uma corporeidade, ela se dissolve, morre, termina, quando a obra é colocada em circulação e não interessa ao texto e nem ao leitor.

### 3 AUTORIA SEM AUTOR?

Os questionamentos que se colocam dizem respeito à relação entre autoria e autor: é possível ter autoria sem autor? Essas questões com relação a autor e autoria estão bem colocadas na introdução do último livro de Burke quando questiona:

Sonhamos ou somos sonhados? Será que podemos sonhar e ser sonhados? Quando um autor escreve ou pensa estar escrevendo, esse autor é simultaneamente escrito? A imaginação criativa guia a composição ou o escritor é como o rabisco de um poder divino experimentando uma nova caneta? São os grandes autores donos da casa da linguagem ou seus inquilinos privilegiados? O autor é o produtor do texto ou seu produto? Nós falamos a linguagem ou ela nos fala? O autor reflete a cultura e a história ou é o autor construído de cultura e história? (BURKE, 1995, p. xivi)

Se Barthes proclamou a morte do autor e o nascimento do leitor, Burke, por sua vez, acredita que um certo autor tenha morrido e indaga: “Qual a natureza do autor que aparentemente morre?” (1992, p. 22) Fica evidente que o autor que morre para Barthes é aquele que precede, transcende e controla os sentidos do texto. Entretanto, Burke pontua que ao proporem a morte do autor e perguntarem o que ele seria, já que não é uma pessoa, os “autores” Barthes e Foucault colocam o autor de volta ao centro das discussões, ou seja: São necessários autores para proclamar a morte do autor. Ainda para Burke, esse autor que morre, volta, retorna na forma de um fantasma, de um espectro, ou uma voz, talvez uma voz autorial. Burke ainda defende que “O autor sempre esteve ausente” (1992, p. 16), o que impossibilitaria a sua morte, sendo esta apenas metafórica, referindo-se ao autor-empírico. A esse respeito, Foucault já havia afirmado que a marca do autor é a singularidade de sua ausência. (2006) Isso se refere à noção de que, para Foucault, o autor é uma função dentro de um contexto social e histórico.

Se o autor é uma ficção, um mito, uma ausência, como essa ausência se materializa? Ainda em “O que é um autor?” (QUEIRÓS, 2011), Foucault elabora o conceito de *effacement*. Em português, o termo é traduzido por desaparecimento, referindo-se ao desaparecimento do autor. Entretanto, acreditamos que a tradução por apagamento é melhor, pois o conceito de *effacement*, usado tanto em francês como em inglês, tem duas características importantes. Por um lado, remete a uma perda de face, perda de rosto, perda de corporeidade, a qual Foucault se refere. E, por outro lado, enquanto desaparecimento refere a uma ausência; entretanto, o apagamento deixa marcas, como o palimpsesto, que é outro conceito que nos interessa.

Para Schneider, a mão que escreve uma obra nunca é a do autor (1990, p. 10), pois sempre há outras mãos a guiando. A referência é ao sujeito do inconsciente, que seria aquele que escreveria. Isso fica mais claro quando Schneider compara os livros aos sonhos já que ambos “não nos pertencem de todo” (1990, p. 15). A pergunta a ser feita, como lembra-nos Schneider é: “A quem pertence a escritura: a ti ou a mim?” (1990, p. 15). Nessa mesma

direção, para Schneider, “O autor é uma ficção”. (1990, p. 20) Cabe perguntar: quem foi o autor dessa ficção chamada autor?

O que seria o autor então? Uma voz sem corpo que fala através das fissuras do texto? E que deixa vestígios? Para Burke, ecoando Foucault, “o autor é aquele princípio que une os objetos que se aglutinam sob o seu nome” (1992, p. 35), ou seja, é um nome. Entretanto, Burke defende que “é impossível a desvinculação total do texto de seu autor-empírico”, pois relaciona atribuição à responsabilidade e remete à atribuição indevida. (BURKE, 2011) Por outro lado, Eco pergunta: Será que ainda podemos nos preocupar com o autor empírico de um texto?”(2012, p. 79). Eco responde que sim, mas somente enquanto escreve, pois não é possível reconstituir o contexto original da escrita e nem as intenções do autor ou do texto. Durante a leitura, é possível fazer conjecturas, suposições e associações. Após um texto ser apresentado ao leitor, o autor não tem nada mais a fazer, pois “o leitor contra assina” e “não existe o fora texto, como Derrida insistia (DERRIDA, 1977). Entretanto, temos uma tensão: o texto é independente, mas o autor tem responsabilidade. Como Burke lembra-nos, através de vários exemplos, sendo Rushdie o mais conhecido, há um preço. Se um manifesto, uma carta de repúdio, um anúncio publicitário estabelecem uma determinada relação com o leitor, uma obra ficcional estabelece outra, assim como uma obra de cunho autobiográfico ou memorial. Os diferentes gêneros discursivos estabelecem diferentes tipos de pacto com o leitor e dependendo do tipo de pacto é mais fácil termos um texto assinado ou não assinado, ou seja, com ou sem atribuição de autoria.

O livro *Caiu na rede* (2006), de Cora Ronái recolhe textos que circulavam pela rede e tenta identificar a autoria de muitos deles. No prefácio da obra, a autora pergunta se alguns desses textos estariam dispensados de ter o que chama de uma “autoria fixa”, similarmente a leis e textos publicitários, já que era tão difícil traçar a sua origem, ou atribuir-lhes a autoria devida. A pergunta que fica: será que é realmente necessário fazê-lo?

#### 4. ATRIBUIÇÃO E AUTORIA

Um dos autores mais citados e compartilhados é Luís Fernando Verissimo, um campeão em número de textos atribuições em redes sociais. Em um texto intitulado “Os Veríssimos falsos”, Ronái (2006) questiona porque havia tantos textos atribuídos a Verissimo. Ela identifica duas possíveis, e contraditórias, razões: uma busca pela credibilidade do autor, e assim maior impacto do texto e uma ênfase na mensagem e uma despreocupação para com o autor.

Reagindo ao grande número de textos atribuídos ao seu nome, e sendo acusado de preconceito devido ao conteúdo de um desses textos, Verissimo (2002) usou a sua coluna no jornal o *Estado de São Paulo* para se pronunciar e fechar a questão, como autor:

Que fique estabelecido, portanto, que qualquer texto mal escrito, ou bem escrito, mas controvertido, ou incoerente, bobo, nada a ver, pretensioso, metido a besta, pseudolírico, pseudoqualquer coisa, pseudopseudo, ou que de alguma forma possa dar cadeia ou problemas com autoridades, goianos ou outros grupos, com a minha assinatura, na Internet ou fora dela, não é meu. Todos os outros - inclusive alguns com outras assinaturas, até prova em contrário - são meus.<sup>2</sup>

O que Verissimo fez foi relacionar autoria à responsabilidade, como Burke afirmava. Ainda, de maneira bem humorada, discutiu o valor da assinatura e sugeriu que o nome não importa, pois o que importaria seria o estilo. O autor-empírico Verissimo se pronunciou, mas talvez nós não devamos lhe dar tanto crédito, pois é só um autor.

---

<sup>2</sup> Texto disponível em: < <http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/01/18/pol005.html>>

No caso de posts compartilhados na rede eletrônica, e, em especial, nas redes sociais, alguns atribuindo autoria a Veríssimo, há vários autores-empíricos envolvidos no processo de criação e compartilhamento de cada post. Uma análise rápida de um post nos mostra isso, sendo possível concluir que a autoria de grande parte dos posts é coletiva e inacabada. Temos um sujeito que compartilhou um post entre seus amigos, disseminando o post. Temos um sujeito que construiu o post e foi o primeiro a compartilhar. É possível que haja vários sujeitos envolvidos na elaboração do post, sendo um sujeito responsável pela atribuição de autoria a uma citação, no caso de haver uma citação, e talvez um outro sujeito que tenha ligado uma dada imagem a um dado texto. No caso de um texto que não é citação, haveria o autor do texto. Entretanto, a autoria de uma frase utilizada no post é diferente da autoria do post, que é sempre inacabada, pois a cada postagem um post pode sofrer modificações. Além disso, autor e leitor se misturam. Há um curto espaço de tempo entre o fazer o post e o compartilhar, entre o atingir o leitor e dar ao leitor a possibilidade de interagir com o texto e modificá-lo. Isso é de extrema importância. Assim, há uma autoria compartilhada e inacabada, que pode ser dividida entre:

1. Quem compartilha um post entre seus amigos;
2. Quem constrói o post, misturando certa imagem e certo texto;
3. A quem o conteúdo do post é atribuído, no caso de atribuição a terceiros, sendo geralmente o texto atribuído a este autor e a imagem ilustrativa relacionada ao autor.

Talvez possamos pensar nos posts como um novo gênero discursivo. Para Bakhtin, os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Como a sociedade é heterogênea e dinâmica, os gêneros discursivos também são heterogêneos e dinâmicos. Pode-se inferir que os gêneros existentes mudam, adaptam-se, seguindo as modificações da situação social na qual estão inseridos ou até que novos gêneros podem surgir de transformações dos gêneros já existentes. Assim, as cartas ou bilhetes deram origem aos e-mails e os posts emergiram.

Esses posts chamam atenção para um questionamento acerca da enunciação, pois o que é meu e o que é do outro ficam misturados. Assim, essa relação eu/outro está presente nas relações intertextuais que os posts estabelecem e também na estrutura do post que não só cita, mas também muitas vezes remete ou parodia, como no post em que sobreposta à imagem de Bakhtin, há o enunciado “Sou Michael Bakhtin e Bronckart não me representa”. (ANEXO 1). Neste caso, o enunciado é atribuído a Bakhtin e há referência a um linguista, que conhecemos, e que estuda questões de autoria e a própria obra de Bakhtin, o que faz com que o post seja extremamente irônico.

Talvez Ronái esteja certa, pois outra questão que emerge é o medo de assinar e a necessidade de uma assinatura, como uma forma de validação. Coracini lembra-nos que ser autor implica em apor a sua assinatura a um texto, ou seja, segundo Derrida (1974, p. 10-13) em responsabilizar-se por ele, responder pelas ideias nele contidas. Podemos pensar nessa assinatura como uma estratégia argumentativa. O post descrito poderia servir como uma crítica ao trabalho de Bronckart, colocada na boca de Bakhtin. A falsa atribuição também se relaciona ao tema da ética da assinatura da qual Burke fala, pois os envolvidos no processo de produção do post não apareceriam e sua assinatura se dissiparia.

Ainda, por um lado, a rede eletrônica facilita o crescimento de textos apócrifos ou anônimos, e também a falsa atribuição, pois se pode atribuir textos a qualquer um, pois todos tem acesso às ferramentas para criar e compartilhar textos e podem converter-se em autores. Por outro lado, essas questões remetem a formulações de Pierre Bourdieu com relação à noção de capital simbólico. Segundo o autor, “Não procuramos somente ser compreendidos, mas também ser obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos” (1983, p. 6), ou seja, queremos obter algo a partir de nossas mensagens. Ainda, para ele, “A competência implica o poder de impor a recepção” (1983, p. 6), pois “A ciência do discurso deve levar em conta as

condições de instauração da comunicação, porque as condições de recepção esperadas fazem parte das condições de produção”. (1983, p. 6-7). Podemos pensar nas condições de produção e recepção do discurso na rede eletrônica e também no discurso como “um bem simbólico que pode receber valores muito diferentes segundo o mercado em que ele está colocado” (1983, p. 10). Tomando Bourdieu, podemos concluir que essas falsas atribuições mostram a inserção social do sujeito e o desejo de ter mais inserção, de ser ouvido, de receber reconhecimento. Para Sobral (2013)<sup>3</sup>, é como se houvesse o desejo de tornar legítima uma enunciação, legitimá-la a partir do uso no nome do outro, da assinatura do outro, que falaria de um outro lugar discursivo, com um suposto-saber.

Há uma autoria coletiva por trás dos posts, pois há uma inserção social, e uma rede social, que possibilita que os posts circulem e sejam modificados. Há um regime de rede eletrônica que permite isso. Há um veículo, ou seja, uma rede social, e uma recepção, pessoas que postam e leem, que lhe dá as condições de circulação.

É também interessante observar que muitas das afirmações presentes em posts não pertencem à obra de nenhum dos autores as quais são atribuídas às citações. Muitas vezes são já falecidos e não poderiam ter escrito tais textos. Entretanto, algumas poderiam ter sido ditas por seu suposto autor, ou seja, há uma leitura da obra desses autores, ou uma atribuição feita a partir da leitura de certas características, ou seja, parece haver critérios que movem a atribuição. Escritores com muitas obras publicadas, longas, e consideradas de difícil leitura, como Saramago e Guimarães Rosa, são muito utilizados. Autores considerados canônicos como Drummond e Clarice Lispector também. E quando o assunto é relacionamentos, Freud é um dos favoritos<sup>4</sup>, pois parece haver a algum tipo de consideração do campo do saber, ou esfera discursiva, no qual o suposto autor se insere. É também relevante observar que muitos enunciados não são atribuídos a nenhuma obra específica dos autores citados, mas aos autores em si mesmo e como há frequentemente fotos ou ilustrações da pessoa destes, podemos supor que são atribuídos aos autores empíricos. Isso é especialmente interessante no caso de uma autora como Clarice Lispector, que já faleceu há muitos anos.

Essas instâncias deixam claro que o autor é diferente de autoria, pois o autor é o enunciador e por isso, quem posta, é de certa forma autor. A autoria é do plano da enunciação, pois ser autor é renunciar e re-enunciar. Ao compartilhar um post, há um re-enunciação. Percebe-se, pois, uma tensão entre a necessidade de atribuir um discurso a um enunciador ou autor e as práticas de escrita correntes, principalmente no mundo digital. Na prática, evidencia-se a necessidade de criticar ou culpar ou elogiar um enunciador.

Mas uma pergunta é: por que se posta ou compartilha um determinado post? Supõe-se que se compartilha algo que nos toca no texto ou na imagem, ou seja, que nos provocou algum tipo de identificação. Mas, além disso, compartilha-se para ser ouvido, para ser lido. Há um desejo de compartilhar e ser compartilhado, quem sabe um desejo de ser autor, de produzir discurso. E precisa-se de um leitor para estabelecer uma autoria.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor está inscrito em uma determinada ordem do discurso vigente e a concepção de autoria convencionalizada pela sociedade em um dado momento histórico (CORACINI, 2010, p. 27-28). Assim, o conceito de autoria e de quem é autor de uma obra varia, pois o regime de autoria varia conforme a época. Estamos em um período de transição e não é simples definir o regime de autoria atual. O que é um autor hoje? Ou melhor, o que se considera um autor hoje?

---

<sup>3</sup> Citação de uma mensagem recebida no Facebook, durante discussão de um trabalho conjunto.

<sup>4</sup> Dados preliminares baseados em pesquisa ainda em andamento.

Qual a contribuição do leitor para o estabelecimento de uma autoria? A esse respeito, Coracini reforça:

Escrever é tanto para Derrida como para Foucault (ver mais adiante), cortar a folha (papel que é também vegetal...), levantar a pele das palavras, fazer incisões, cortes, enxertos, in-serções de si no corpo estranho do outro—palavra, texto, que é sempre do outro e sempre meu ou de quem escreve, de quem assina—, transformando, deformando, degradando, com legitimidade—afinal, o autor se sente dono da língua—o corpo ou o corpus (defunto, morto) (2010, p. 31).

Se “escrever é tornar sua a linguagem”, como Schneider defende (1990, p. 28), misturar tanto o do outro com o nosso, com as marcas nós mesmos, que se torne um pouco nosso, parece claro que ao criar um post, compartilhar um post, há autoria. Entretanto, ela é uma autoria explicitamente coletiva e inacabada, digo explicitamente porque, de certa forma, toda autoria é um pouco coletiva, um pouco compartilhada, pois “toda interação remete retrospectiva e prospectivamente a enunciações anteriores e ulteriores, possíveis e imagináveis”. (SOBRAL, 2013, p. 128)

Se o autor é considerado um morto, ou um fantasma, ou pura ficção, é porque o corpo do autor não basta. A substância da qual o autor é feito, é etérea. O autor é feito de discurso, de linguagem.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O Rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Ática, 1983.
- BURKE, Seán. *Authorship: from Plato to the postmodern*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1995.
- BURKE, Seán. *The Death and return of the author: criticism and subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1991.
- BURKE, Seán. The Ethics of signature. In: BURKE, Sean. *Authorship: from Plato to the postmodern*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1995.
- BURKE, Seán. *The Ethics of writing: Authorship and Responsibility in Plato, Nietzsche, Levinas (and Derrida)*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.
- CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1994.
- ECKERT-HOFF, Beatriz; CORACINI, Maria José. (Org.) *Escrit(ur)a de Si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, Jacques. Signature Event Context. *Glyph*. Vol.1, John Hopkins University Press, Baltimore, 1977, p. 172-97.
- ECO, Umberto. Entre autor e texto. In: \_\_\_\_\_. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 79-104.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.
- PLATÃO. *Fedro: texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- QUEIRÓS, Sônia. O que é um autor? de Michel Foucault: duas traduções para o português. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

RONÁI, Cora. *Caiu na rede*. Porto Alegre, Editora Agir, 2006.

SOBRAL, Adail. A concepção de autoria do “Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov”: confrontos e definições. *Macabéa Revista Eletrônica do Netlli*, vol. 1, n.2, Dez. 2012.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de Palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

## ANEXO 1

